

Equatorial

v.12 n.23 | jul./dez. 2025
ISSN: 2446-5674

Editorial

É com felicidade que apresentamos o número 23 da Revista Equatorial, com os trabalhos publicados entre julho e dezembro de 2025. Para esta edição, publicamos o dossiê “Território, desejo e erotismo: cenas da vida sexual e libidinal no contexto brasileiro¹”, organizado por mim, Elioberg Oliveira, doutorando na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e Wertton Luís de Pontes Matias, doutorando vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. O dossiê contou com trabalhos de diversos autores e tem contribuições de diferentes temas que dialogam e flertam com a dimensão do desejo e do erotismo. Com vista à necessidade de evidenciar as cenas da vida sexual e libidinal do contexto brasileiro, o dossiê se configura com doze artigos, uma resenha e uma tradução. As peças reunidas no dossiê dão conta de apresentar diferentes modos de subjetivação em que configurações eróticas – e pornográficas – perfazem realidades específicas que dão substância à dimensão da territorialidade.

Os trabalhos reunidos no dossiê evidenciam o esforço de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros em produzir e difundir conhecimento científico comprometido com a complexidade do contexto nacional. Ao explorar configurações eróticas e sexuais em interface com o território brasileiro, os artigos aqui apresentados contribuem para ampliar e aprofundar o debate antropológico sobre corporeidade, afetos e dinâmicas

¹ A capa desse número, que compõe o dossiê, tem arte de Labrojeira (@labrojeira) e o design de Illan Desing (@illandesign). Agradeço, com muito carinho, aos artistas pela parceira e disponibilidade em somar neste trabalho.

socioculturais, reforçando a relevância de uma abordagem etnograficamente fundamentada e sensível às especificidades locais.

Ainda no número 23, apresentamos outros trabalhos que compõe o fluxo contínuo, sendo esses três artigos, três resenhas e um ensaio visual.

O primeiro artigo, “Entre espaços físicos e digitais na produção do lugar: uma reflexão a partir de uma comunidade urbana de João Pessoa, PB”, de autoria da Williane Juvencio Pontes, autora vinculada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), analisa como os jovens moradores da Comunidade do Timbó, em João Pessoa, utilizam espaços digitais, especialmente o perfil “Nossa Comunidade” no *Instagram*, para produzir e disputar os sentidos sobre seu território. A pesquisa demonstra que as plataformas digitais são assimiladas à dinâmica local de sociabilidade, servindo tanto para o exercício da cidadania e a mobilização comunitária quanto para a construção de um pertencimento que subverte o estigma territorial. O estudo contribui para o debate da antropologia urbana ao evidenciar a interconexão entre espaços físicos e digitais na produção do lugar, destacando o agenciamento dos moradores na ressignificação de suas identidades e na reivindicação por direitos e visibilidade.

O segundo artigo, intitulado “Sangue, doença e máquina: as ações, relações e modulações entre seres humanos e objetos técnicos na hemodiálise”, de autoria do Pedro Corrêa, pesquisador vinculado a Universidade Federal de São Paulo, analisa, a partir de uma etnografia em uma clínica de hemodiálise em São Paulo, as relações dinâmicas entre pacientes, profissionais de saúde e a máquina de diálise. Sua principal contribuição para a antropologia reside em adotar uma perspectiva processual e não essencialista, demonstrando como a técnica se inscreve na vida cotidiana e é modulada pelas trajetórias e valores dos atores humanos. O estudo desloca o foco da máquina como um mero instrumento, mostrando-a como um sujeito/objeto relacional, cujo significado varia conforme a posição hierárquica e a competência técnica de médicos, enfermeiros e técnicos, configurando um "sistema sociotécnico". Ao evidenciar essas modulações e controvérsias, o trabalho avança na antropologia da técnica, superando dualismos entre

corpo e máquina e destacando a coprodução de modos de existência entre humanos e objetos técnicos.

O terceiro artigo “Nos terreiros de candomblé e nas salas de estar: notas bibliográficas sobre parentesco e autoridade na velhice de mulheres”, de autoria do Rafael Conceição, autor vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), apresenta uma rica contribuição aos estudos de envelhecimento, gênero e parentesco. Para isso, o autor desenvolve uma reflexão sobre autoridade a partir do papel social das avós e das mães-de-santo. Nesse empreendimento, Conceição aplica sua análise para os diferentes modos do agenciamento da autoridade feitos pelas mulheres, destacando especificidades que se destacam no que ele vai contrapor a “cultura dominante”.

A primeira resenha, intitulada “180 Graus: A Autoetnografia e as Narrativas Gráficas na Experiência do Câncer de Mama”, de Mariana Esteves Petruceli, da Universidade de Brasília, é uma análise da obra "180 graus: Minhas reviravoltas com o câncer de mama", de Dulce Ferraz. O trabalho é destacado como uma contribuição inovadora ao campo da antropologia da saúde no Brasil, ao articular narrativa gráfica, autoetnografia e reflexão teórica sobre cuidado. A obra narra a trajetória de adoecimento da protagonista Carol, enfatizando sua agência, a construção de redes de apoio e o ativismo da paciente, em contraposição ao papel passivo tido como tradicional. A resenha sublinha a potência do formato gráfico para comunicar temas sensíveis a um público amplo, democratizando o conhecimento científico. Além disso, destaca como a obra promove uma crítica feminista à ciência, defendendo a parcialidade consciente e a reflexividade metodológica. Por fim, a coletividade é apresentada como eixo central, tanto na experiência do adoecimento quanto na produção colaborativa do livro, reforçando a importância de políticas públicas e de uma ciência comprometida com as demandas sociais.

A segunda resenha, “Conflitos e diálogos nas masculinidades e sexualidades umbandistas”, do Ozaias da Silva Rodrigues, vinculado a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), examina o livro de Victor Lean do Rosário sobre vivências homossexuais

em um terreiro de Umbanda no interior do Pará, destacando sua contribuição para o debate sobre sexualidade, masculinidade e religiosidade afro-brasileira. O resenhista Ozaias Rodrigues elogia a rica etnografia, que mostra como o terreiro é um espaço de aceitação, mas também de tensão e negociação entre masculinidades hegemônicas e dissidentes. Destaca-se o valor do estudo ao trazer o contexto interiorano, renovando pesquisas geralmente centradas em grandes centros urbanos, e ao discutir os processos de corporificação do sagrado e a constante negociação entre humanos e entidades.

A terceira resenha, “Velhas (e nem tão velhas) teorias para novos insights em antropologia”, de autoria do Vinicius Teixeira Pinto, pesquisador vinculado à Loughborough University, tece considerações sobre o livro “Escolas e estilos de teoria antropológica”, organizado pelo Matei Candeia, e publicado em 2022 pela editora Vozes. Nessa peça, Pinto desenvolve uma resenha que permite compreender as diferentes frentes que compõe o livro e que tem por objetivo analisar momentos fundamentais na história da antropologia. Assim como os autores do livro, o autor da resenha percorre uma certa historiografia da antropologia social, evidenciando as especificidades elencadas pelos autores, bem como construindo reflexões em diálogos com uma literatura socioantropológica mais ampla e contemporânea. Pode-se afirmar que, a partir das considerações do Vinicius Teixeira Pinto, cria-se um desejo pela leitura do “Escolas e estilos de teoria antropológica”.

Por fim, o ensaio visual “Tecer território ponto a ponto: mapas de tecido da cartografia social do povo indígena Mendonça/RN”, com autoria da Taisa Lewitzki e Louise Caroline Gomes Branco, vinculadas, respectivamente, à Universidade Federal do Paraná (UFPR), e à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), apresenta a composição de oito fotografias. Nesta peça, as autoras registram o trabalho desenvolvido por mulheres indígenas do povo Mendonça na fabricação de mapas dos seus territórios a partir da costura, pintura e bordado. Fruto do projeto Nova Cartografia Social, o ensaio visual produz uma sensibilidade para com as mulheres que, também enquanto artesãs, constroem sentidos para os seus territórios por meio da criação de mapas.

Além das contribuições específicas do dossiê, as peças do fluxo contínuo também enriquecem o escopo das ciências sociais, apresentando pesquisas que dialogam com questões teóricas, metodológicas e empíricas relevantes para a antropologia e áreas afins. A diversidade de temas e abordagens demonstra o compromisso dos autores e autoras em investigar fenômenos sociais complexos e em consolidar uma produção científica rigorosa e reflexiva. Esses trabalhos reforçam o caráter plural e em constante renovação da pesquisa no campo, evidenciando o engajamento da comunidade acadêmica com a ampliação do conhecimento e o debate público.

Disto isto, em nome da Revista Equatorial, quero agradecer aos autores e autoras por escolherem a nossa revista como meio de publicização e difusão de seus conhecimentos. No mesmo sentido, agradecemos aos pareceristas pela disponibilidade e colaboração para que as peças fossem aperfeiçoadas e chegassem ao público da melhor forma. Por último, mas não menos importante, é fundamental sublinhar que a Equatorial é um periódico acadêmico feito por e para estudantes. Portanto, quero agradecer, em especial, aos discentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que fazem a revista acontecer e estão empenhados cotidianamente para que os trabalhos cheguem ao público.

Elioberg Oliveira

Membro da Equipe da Revista Equatorial
Doutorando em Antropologia Social (PPGAS/UFRN)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte